

Primeira Parte

Tive um Morris Mini com a tua mãe. Era um carro minúsculo, como um carrinho dos parques de diversões, e um dos limpapara-brisas estava estragado, de modo que eu andava sempre com o braço fora da janela para fazer funcionar as escovas. A tua mãe era doida por campos de mostarda nesse tempo, sempre a querer passar por lá nos dias de sol, nos arredores de Davis. Havia mais campos nesse tempo, menos pessoas. Acontecia a mesma coisa em todo o mundo. E foi então que começámos o ensino doméstico. O mundo no princípio era um campo enorme, e a Terra era plana. E todos os animais erravam pelo campo e não tinham nomes, e os que eram maiores comiam os mais pequenos, e ninguém se sentia mal com isso. Depois apareceu o homem nos confins do mundo, encurvado, peludo, estúpido e fraco, e multiplicou-se e tornou-se tão numeroso e retorcido e sanguinário com a inatividade que os confins do mundo começaram a deformar-se. Os confins dobraram-se e recurvaram-se lentamente, homens, mulheres e crianças esbracejando uns por cima dos outros para se manterem em cima do mundo e agarrando-se aos pelos das costas uns dos outros ao treparem até ficarem todos pelados e nus e enregelados e sanguinários e suspensos dos confins do mundo.

O pai fez uma pausa, e Roy disse: E depois?

Com o tempo, os confins acabaram por se tocar. Recurvaram-se até se juntarem todos e formaram o globo, e o peso que isso fez pôs o mundo a girar e os homens e os animais pararam de

cair. E então o homem olhou para o homem, e como éramos todos tão feios sem pelos e os nossos bebês parecidos com escaravelhos da batata, o homem dispersou-se e desatou a matar e a usar as peles mais decentes dos animais.

Ah, disse Roy. Mas depois?

Depois tudo se torna complicado de mais para contar. Houve uma altura qualquer em que surgiu o sentimento de culpa, e o divórcio, e o dinheiro, e o IRS, e foi tudo por água abaixo.

Achas que foi tudo por água abaixo quando te casaste com a mamã?

O pai olhou-o de um modo que dava a entender a Roy que tinha ido demasiado longe. Não, foi por água abaixo uns tempos antes disso, acho eu. Mas é difícil dizer quando foi.

* * *

Não estavam habituados àquele lugar nem à maneira de ali viver nem um ao outro. Roy tinha treze anos, era o verão a seguir ao sétimo ano da escola, e tinha vindo de casa da mãe em Santa Rosa, na Califórnia, onde tinha aulas de trombone e futebol e cinema e andava na escola no centro da cidade. O pai tinha sido dentista em Fairbanks. O sítio para onde se estavam a mudar era uma pequena cabana de cedro em forma de “A”, com um telhado extremamente inclinado. Estava aninhada no interior de um fiorde, uma enseada como um pequeno dedo no sudoeste do Alasca ao largo do estreito de Tlevak, a noroeste da Reserva de South Prince of Wales e a cerca de oitenta quilómetros de Ketchikan. O único acesso era por água, de hidroavião ou de barco. Não havia vizinhos. Mesmo por trás deles erguia-se uma montanha de uns seiscentos metros num cabeço imenso, que se unia através de umas colinas baixas a outras na embocadura da enseada e mais longe. A ilha onde se encontravam, a ilha de Sukkwan, estendia-se atrás deles por vários quilómetros, mas eram quilómetros de cerrada floresta virgem, sem estradas nem trilhos, uma densa vegetação de fetos, tsugas, abetos, cedros, fungos e flores silvestres, musgo e lenha apodrecida, abrigo de ursos, alces, veados,

ovelhas bravas, cabras montesas e glutões. Um sítio semelhante a Ketchikan, onde Roy vivera até aos cinco anos, mas mais bravo, e assustador agora que estava desacostumado.

Enquanto sobrevoavam o local, Roy observava o reflexo do avião amarelo rompendo através dos reflexos maiores da montanha verde-escura e do céu azul. Viu as árvores cada vez mais perto de ambos os lados, e depois tocaram em baixo levantando jorros de água a espadanar. O pai de Roy enfiou a cabeça pela janela lateral, rindo-se, entusiasmado. Roy sentiu-se por momentos a chegar a uma terra encantada, um lugar que não podia ser real.

E depois lançaram-se ao trabalho. Tinham trazido todo o material que o avião podia transportar. O pai insuflou o *Zodiac* com a bomba de pedal poisada num dos flutuadores, e Roy ajudou o piloto a descer o motor fora de borda *Johnson* de seis cavalos por cima da popa, onde ficou suspenso, à espera, até o barco estar pronto. Depois colocaram o motor, descarregaram o bidão de gasolina e os jerricãs extra, e fizeram a primeira viagem. O pai foi sozinho, com Roy esperando ansioso dentro do avião junto ao piloto que não parava de falar.

Ali perto de Haines, foi lá que eu experimentei.

Nunca lá fui, disse Roy.

Bem, como estava a dizer, tens o teu salmão e o teu primeiro urso e uma data de coisas que as outras pessoas nunca terão, mas é tudo o que tens, incluindo ninguém por perto.

Roy não respondeu.

É esquisito, só isso. A maior parte das pessoas não traz os miúdos consigo. E a maior parte traz alguma comida.

Tinham trazido comida, pelo menos para uma ou duas semanas, e também os artigos que não podiam faltar: farinha e feijões, sal e açúcar, açúcar mascavado para o fumeiro. Algumas conservas de fruta. Mas iriam viver sobretudo do que houvesse lá. O plano era esse. Iriam comer salmão fresco, trutas Dolly Varden, amêijoas, caranguejos, e o que conseguissem caçar: veados, ursos, ovelhas, cabras, alces. Tinham trazido duas carabinas, uma espingarda e uma pistola.

Vai correr tudo bem, disse o piloto.

Sim, disse Roy.

E eu venho cá dar uma vista de olhos de vez em quando.

Quando o pai de Roy voltou, trazia um largo sorriso que procurava disfarçar, não olhando diretamente para Roy enquanto carregavam o equipamento de rádio num caixote estanque, depois as armas em estojos impermeáveis, o material de pesca e as ferramentas, as primeiras conservas em caixas. Depois teve de ficar novamente a ouvir o piloto enquanto o pai desaparecia numa curva, deixando uma pequena esteira atrás de si, ainda branca junto à popa, mas que se esvanecia num ondulado escuro, como se apenas pudesse perturbar essa pequena parte da água e o lugar se fosse devorar a si mesmo em poucos momentos. A água era límpida mas bastante profunda, a tal ponto que Roy não conseguia ver o fundo. Nas zonas mais perto da margem, porém, nas bordas do reflexo, conseguia adivinhar as formas vítreas dos ramos e das pedras em baixo.

O pai vestia uma camisa de caça de flanela vermelha e calças cinzentas. Não tinha chapéu, embora o ar fosse mais fresco do que Roy imaginara. O sol batia na cabeça do pai, brilhando no cabelo fino mesmo ao longe. O pai franziu os olhos para se proteger da luz da manhã, mas um dos lados da boca continuava erguido num sorriso. Roy tinha vontade de ir ter com ele, de ir para terra e para a sua nova casa, mas tinha de esperar ainda duas viagens antes de poder ir. Tinham caixas cheias de roupa em sacos do lixo, impermeáveis e botas, mantas, duas lanternas, mais comida, e livros. Roy tinha uma caixa de livros escolares. Ia ser um ano de ensino doméstico: matemática, inglês, geografia, estudos sociais, história, gramática e ciências do oitavo ano, que não sabia como iriam fazer, pois o programa incluía experiências e eles não tinham o equipamento necessário. A mãe de Roy tinha perguntado isso ao pai, e a resposta dele não fora muito clara. Roy sentiu saudades da mãe e da irmã subitamente e vieram-lhe as lágrimas aos olhos, mas depois viu o pai a arrancar da margem de seixos e a voltar, e forçou-se a parar com isso.

Quando finalmente se esgueirou para o barco e largou o flutuador, foi surpreendido pelo inóspito do lugar. Não tinham nada

agora, e, enquanto observava o avião por trás deles deslizando num círculo apertado, depois num ronco ruidoso a levantar voo fazendo espadagnar a água, sentiu até que ponto o tempo podia ser longo, como se pudesse ser feito de ar e pudesse comprimir-se e deter-se.

Bem-vindo à tua nova casa, disse o pai, e poisou a mão na cabeça de Roy, e depois no ombro.

Quando o avião deixou de se ouvir, já eles tinham acostado na praia escura e pedregosa, e o pai de Roy, nas suas galochas até à coxa, descera para puxar a proa do barco. Roy saiu e estendeu a mão para uma caixa.

Deixa isso agora, disse o pai. Vamos só amarrar o barco e dar uma vista de olhos por aqui.

Não vai entrar nada nas caixas?

Não. Anda daí.

Avançaram através da erva que lhes chegava às canelas, de um verde que brilhava ao sol, subindo depois uma vereda pelo meio de um pequeno maciço de cedros até à cabana. Estava castigada pelo tempo e tisonada, mas não era muito velha. O telhado tinha uma inclinação pronunciada para não deixar acumular a neve e toda a cabana e o alpendre estavam a dois metros do chão. Não tinha mais do que uma porta estreita e duas janelas pequenas. Roy olhou a chaminé do fogão que emergia da cobertura, esperando que houvesse também uma lareira.

O pai não o levou para dentro da cabana, rodeando-a e seguindo o pequeno carreiro que continuava colina acima.

A retrete, disse o pai.

Tinha o tamanho de um roupeiro e estava alteada, com degraus. Ficava a menos de trinta metros da cabana, mas teriam de a usar ao frio, na neve do inverno. O pai prosseguiu.

Tem-se uma bela vista daqui, disse ele.

Atingiram uma elevação no meio de urtigas e de arbustos de bagas, o solo desfazendo-se sob os seus passos, recoberto de vegetação desde a última vez que fora pisado. O pai estivera aqui havia quatro meses para ver o sítio antes de o comprar. Depois convencera Roy e a mãe e a escola. Tinha vendido o consultório e a casa, fez os planos, e comprou o material.